

## **Multiplicidade linguística: A língua portuguesa em Angola**

*Amélia Arlete Mingas*

Universidade Agostinho Neto- ISCED/Luanda

### **Introdução**

Uma análise da interacção linguística, no mundo moderno, permite-nos constatar a construção política e histórica de espaços linguísticos, que atribuem especiais responsabilidades a comunidades multicontinentais, com impacto no contexto internacional.

No que respeita à língua portuguesa, os elementos integrantes da CPLP, Comunidades dos Países de Língua Oficial Portuguesa, têm essa língua como património comum e é fácil verificar que ela constitui o elemento identificador por um lado, dos membros da comunidade portuguesa e por outro, um dos elementos identificadores dos membros das restantes comunidades integrantes da CPLP. A língua portuguesa constitui um instrumento próprio a essas comunidades e resulta de uma construção histórica que se consolidou na tensão dialéctica entre a aceitação e a repulsa, entre a imposição e a liberdade, que representava o poder colonial e a ideia de independência e liberdade.

Independentemente dos factores que para isso contribuíram, certo é que a comunidade internacional conta hoje com uma realidade geopolítica que é reconhecida pela sua identificação linguística, sem, no entanto, pôr em causa a identidade política autónoma dos que a integram.

Quer isto dizer que, para lá dos elementos identificadores de cada um dos Estados e povos que constituem a Comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa – e em que os seus contextos culturais e linguísticos locais são elementos determinantes – há uma efectiva transnacionalização de um património – a língua portuguesa – que surge, não com uma única mas várias identidades e que se foram, progressivamente, construindo.

Importa contudo, salientar que apesar disso, esta comunidade conhece e reconhece-se nesse património. E é reconhecida por ele.

### **Língua e variação**

A problemática da língua portuguesa em Angola permite-nos admitir que se torna necessário e urgente criar condições para que seja feito o inventário do português fundamental dos países membros da CPLP, porquanto sem o seu inventário, estudo e

monitorização, poderá estar ameaçada a manutenção da possibilidade de intercompreensão que ainda existe entre os diversos falantes de LP.

Por outro lado, óbvio se torna admitir ser decisivo, para a análise das potencialidades desta comunidade linguística e histórica, determinar o grau de comprometimento dos poderes públicos e políticos numa estratégia de desenvolvimento da língua portuguesa, não apenas como instrumento de comunicação mas igualmente como realidade em construção em Estados autónomos e independentes.

Enquanto as línguas locais são elementos quase genéticos de identidade dos cidadãos, a língua portuguesa cumpre uma funcionalidade específica, inter-relacionando as várias comunidades linguísticas de um mesmo País, dos vários Países integrantes da CPLP e de comunicação no contexto internacional mais alargado.

Essa funcionalidade está, por isso, associada a uma utilidade, constituindo um elo comunicacional que se desenvolve em vários patamares – o nacional, o comunitário e o internacional.

## **O português de Angola**

### **1. Considerações gerais**

A dinâmica do fenómeno de troca cultural que se desenvolveu durante a época colonial, entre os Angolanos e os Portugueses, implicou modificações substanciais da língua portuguesa. Independentemente dos factores que para isso contribuíram, certo é que a comunidade internacional conta hoje com uma realidade geopolítica que é reconhecida pela sua identificação linguística, sem, no entanto, pôr em causa a identidade política autónoma dos que a integram.

Da mesma forma que se constata evoluções no contexto de uma mesma realidade nacional, incorporando a modernidade e novas formas de representação linguística dessa realidade, porquanto a língua é uma entidade dinâmica, de igual modo se deve reconhecer a contribuição dada pelos vários grupos de falantes da LP para a construção de formas distintas de representar essa mesma língua.

Essa dinâmica é gerada pela própria sociedade, pelas relações entre as pessoas, pela necessidade, enfim, de estabelecer um patamar de compreensão em que todos se insiram.

### **2. A língua**

No que respeita a Angola, a adaptação da língua portuguesa a novos contextos sócio-culturais manifesta-se em vários contextos, como se pode verificar abaixo:

- (1) – Ao nível da abertura vocálica, em ordem inversa à articulação portuguesa;
- (2) – Na tendência para a anulação do ditongo decrescente;
- (3) – Na anulação da ênclise pronominal;

- (4) – Na fraca percepção da diferença entre tempos verbais, particularmente entre o imperfeito (raramente utilizado) e o perfeito;
- (5) – Na tendência à nasalização consonântica;
- (6) – Na lexicalização de vários itens oriundos das línguas locais como, por exemplo:

i. Língua kimbundu

- . – kamba, de *dikamba*; “amigo”
- . – cota, de *dikota*; “pessoa adulta”
- . – cangar, de *kukanga*; “prender, amarrar”
- . – cochilar, de *kukoxila*; “dormitar”
- . – bombó, de *mbombo* “mandioca amolecida em água”<sup>1</sup>

ii. Língua umbundu

- . – loengos, de *olohengo*; “frutos silvestres”
- . – losakas, de *olosaka*; “pequenas beringelas”
- . – suanga, de *swanga*; “esparregado de folhas de mandioca”
- . – seculo, de *sekulu*; “o mesmo que cota”

iii. Língua kikongo (Cabinda)

- . – matiti, de *matiti*; “relva”
- . – bacamas, de *bakama*; “elementos de uma seita religiosa”
- . – maiaca, de *mayaka*; “pães de mandioca”
- . – Bucu Zau, de *Mbuku Nzawu*, nome de uma localidade
- . – Simulambuco, de *'Nsi ya Mambuco*, “Terra do Mambuco”, um sítio histórico.

## Conclusão

Face ao acima exposto, pensamos que, para uma realidade multipolar como é a da língua portuguesa, falada em vários países de vários continentes, só são entendíveis vários sistemas e vários instrumentos para lidar com ela. Com efeito, o seu contacto com outras línguas e culturas deixou nela marcas que demonstram a sua adaptabilidade a esses novos contextos.

Pensamos que os poderes políticos devem lidar com algumas questões inultrapassáveis.

Em primeiro lugar, que o papel desempenhado pela língua portuguesa em cada um dos Países, não inviabiliza, necessariamente, a possibilidade de afirmação das línguas locais, enquanto formas de expressão de valores e de representação da realidade social. O que é decisivo, nesse domínio, é que os Estados desenvolvam orientações estraté-

<sup>1</sup> Depois de seco, é ou pulverizado e utilizado para a confecção do funge, prato tradicional angolano, ou ainda assado e comido com jinguba (amendoim) torrada.

gicas, definam políticas e mobilizem recursos para a dinamização, estudo, divulgação e protecção das línguas locais. É preciso criar condições, não de hostilidade, mas de convivência, da língua portuguesa e das línguas locais, na medida em que cada uma destas realidades representa papéis distintos.

Em segundo lugar, que a utilização externa de uma língua comum facilita a expressão de interesses comuns e específicos, dá escala à representação desses interesses no contexto internacional. De resto, a sua utilização não é mais do que a natural expressão de uma realidade política instituída por vontade dos povos e dos Estados que integram a CPLP. Ou seja, faz sentido que uma comunidade política se expresse numa realidade linguística comum, sempre que ela se apresenta como tal.

Pensamos também que seria importante a criação de uma Academia da Língua Portuguesa, com uma natureza científica, técnica e eminentemente académica, e que tivesse por objecto geral a análise permanente, o estudo e o acompanhamento da evolução da língua nos vários países que a falam. Um desafio que se dedicasse igualmente à promoção de propostas de divulgação (edições, conferências, e outras) ou de estímulo do estudo da língua (instituição de prémios, avaliação do sistema de bolsas e de intercâmbio de docentes e alunos, e outras).

É claro que uma instituição deste tipo, com uma dinâmica inclusiva e de representação das várias realidades da língua e de cariz académico e científico, não esgota as potencialidades de outras formas de organização que contribuam para os mesmos objectivos.

Não exclui, por exemplo, a criação de Academias de Letras nos vários Países que falam português, eventualmente estimuladas pela experiência da portuguesa, dirigidas ao acompanhamento, orientação e controlo dos sistemas de estudo, evolução e preservação dos traços comuns que a língua portuguesa induz. Como admite, e até exige, o reforço da cooperação nos sistemas escolares e de políticas de ensino, bem como na promoção da língua nos meios de comunicação de massas.

Deve continuar a apostar-se na criação de condições para que técnicos dos vários países tenham a possibilidade de discutir, trocar opiniões e experiências sobre a vivência concreta da língua portuguesa. Como se deve igualmente promover a formação de quadros, o intercâmbio de docentes e alunos, a concessão de bolsas de investigação.

### Referências Bibliográficas

- BONVINI, Emile (1993). *Langues et langages en Angola*, Paris CNRS.
- CALVET, Louis-Jean (1987). *La guerre des langues et les politiques linguistiques*. Paris, Payot.
- CARVALHO, Paulo de (1982). *Estrutura social e linguagem (O caso de Angola colonial)*. CEA, Coimbra, Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra.
- FERNANDES, João e Ntondo, Zavoni (2002). *Angola: Povos e línguas*. Luanda, Editora Nzila.

- GONÇALVES, António Custódio (1999). Gestão política das identidades culturais: desafios à democratização, in *Revista Internacional de Estudos Africanos*, n.º 3, 2000, Porto.
- HAGÈGE, Claude (1982). *La structure des langues*, Paris, PUF (Que-sais-je?, 2006).
- HAGÈGE, Claude (1985). *L'homme de paroles. Contribution linguistique aux sciences humaines*, Paris, Fayard.
- KAMBWA, Augusto Eduardo (2002). *A problemática da coabitação linguística em Angola*. Luanda, comunicação apresentada no XII Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa.
- MARQUES, Irene Guerra (s/d) *Algumas considerações sobre a problemática linguística em Angola*. Luanda, INALD.
- MARTINET, André (1974). *Syntaxe générale*, Paris, Armand Colin.
- MINGAS, Amélia Arlete (1998). *O português em Angola: reflexões*. Macau, comunicação apresentada no VIII Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa.
- MINGAS, Amélia Arlete (2000). *Interferência do kimbundu no português falado em Lwanda*. Luanda, Edições Chá de Caxinde.
- MINGAS, Amélia Arlete (2002). *Línguas, etnias e nação*. Moscovo, comunicação apresentada na Universidade Estatal de Moscovo.
- POTTIER, Bernard (1987). *Théorie et analyse en linguistique*. Paris, Hachette.
- PRAH, Kwesi (2002). Language, the african development challenge. In *TRIcontinental*, n.º 150, Havana.
- UNESCO (1980). *Le développement culturel. Expériences régionales*. Paris, Imprimeries Réunies de Chambéry.